Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 415

1 DE JULHO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Não ha nada mais certo que aquelle axioma «o homem põe e Deus dispõe» axioma profundissimo que trocado em meudos para uso do povinho, veio a dar essa phrase muito conhecida e muito corriqueira: Boas contas deita o preto. Eu sem ser preto deitei boas contas tambem esta semana e no fim de contas não passei de as deitar.

Em presença das ferias que a ausencia de acontecimentos n'este entrar de *la morte saison* dá á revista lisboeta, tinha feito o meu plano de dedicar toda a minha chronica de hoje á exposição de quadros de Alfredo Keil, e á apreciação rapida dos livros de que outro dia dei a relação e a que depois d'isso se juntaram dois grossos e interessantissimos volumes do eminente litterato e infatigavel trabalhador o sr. José Ramos Coelho — *Historia do Infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João IV*, e no fim de contas tenho que fazer a chronica sem tratar de nenhuma d'essas coisas e pela mais poderosa das razões, não ter tido tempo para terminar a leitura de nenhum de esses livros e ter tido absoluta impossibilidade de assistir não só á festa brilhante e original com que Alfredo Keil inaugurou a sua exposição e para que teve a amabilidade de me convidar, como tambem de até agora ter ido em qualquer dia visitar uma exposição de que me dizem maravilhas.

É verdade que eu não preciso lá ir para acreditar n'essas maravilhas, que dispensam o conhecimento do processo critico de S. Thomé, quando; se tem visto algum quadro de Alfredo Keil; mas não basta acreditar nas maravilhas d'uma exposição artistica para fallar d'ella, é indispensavel vel-a, e é isso que eu conto fazer logo que tenha um momento livre.

Entretanto para que não é preciso esperar pela ida a essa exposição, é para constatar o grande successo artistico que ella está tendo entre nós, é para celebrar o talento complexo e a actividade desusada d'esse grande artista, que caminha rapidamente para a gloria, seguro a duas amarras, a dois generos artisticos dos mais difficeis, conquistando ao mesmo tempo em ambos elles as mais assignaladas victorias, os mais brilhantes triumphos.

Alfredo Keil é uma das mais vigorosas e ricas organisações artisticas que conhecemos, porque em parte nenhuma é vulgar um artista brilhar notavelmente em duas artes tão differentes, tão diversas como são a pintura e a musica.

Fazer um bello quadro, não é das coisas mais triviaes que ha no mundo, e os borrões com o nome de pintura que enxameiam todos os mercados ahi estão a proval-o; fazer uma boa opera, é dado só aos peviligiados da arte, e a prova é o limitadissimo numero d'operas que conseguem fazer carreira d'entre centenares de partituras que todos os annos se estreiam em todos os theatros da Italia, da França e da Allemanha, agora fazer uma boa opera n'um dia, e no outro dia fazer um bello quadro, é uma d'essas raridades que no mundo artistico se podem bem chamar phenomenaes.

Nos curiosos, nos amadores, nos insignificantes da arte, esta duplicidade de prendas encontra-se a miudo; compôr uma walsa e ao mesmo tempo pintar um quadrinho, são prendas que muitas vezes correm parelhas nos cultores laureados dos chamados talentos da sociedade: mas ser pintor pintando e ao mesmo tempo ser maestro compondo musica é que é a difficuldade, é que é a raridade, é o que não se encontra a cada canto, e a prova é a difficuldade em que me acho n'este momento, para assim de memoria, citar nomes que ao mesmo tempo sejam deveras illustres n'estas duas artes.

Alfredo Keil, porém no mundo artistico não tem só a evidencial-o esta duplicidade de aptidões, de talento, tem a fazel-o respeitado por todos o seu grande amor ao trabalho, a tenacidade de infatigavel do seu permanente labor artistico.

E essa tenacidade é tanto mais ex-

VICENTE RIVA PALACIO — Ministro do Mexico, em Portugal e Hespanha

(Segundo uma photographia de Debas)

traordinaria quanto excepcionaes são as condições de vida de Alfredo Keil.

Keil é um abastado, é um rico, não procura no trabalho o pão de cada dia, e esta circumstancia que pode fazer com que a critica seja mais severa, mais exigente para com elle, porquanto trabalha só para a gloria, e tem todo o tempo para aprimorar e corrigir os seus trabalhos, dispõe de todos os meios para fazer os seus estudos, para executar os seus planos, sem estar acorrentado á necessidade inperiosa da producção rapida, impõe á admiração e ao respeito de toda a gente, esse rapaz que em vez de ser um ocioso, de viver descançada e regaladamente dos seus rendimentos, trabalha permanentemente, rudemente, enthusiasticamente, como um verdadeiro artista que é, como um ardente enamorado da gloria.

E é por isso que todas as suas obras tem um cunho especial de convicção, de sinceridade e de sentimento artistico, que é o caracteristico das verdadeiras obras de arte, que é a assignatura de todo o artista de raça.

O Occidente n'outro logar refere se largamente em artigo especial e em illustrações á exposição de Alfredo Keil, que constitue um notavel acontecimento artistico da nossa terra; eu reservo-me para fallar da sua obra depois de a ver, felicitando-o desde já pelo seu *successo* que é notorio e incontestavel.

* * *

Ha muito tempo — de minha memoria nunca — que em Portugal se não faz á beira da sepultura d'um homem illustre o escandalo inaudito que se tem feito ao pé do tumulo de Camillo Castello Branco.

Muito fallado, muito descutido em vida, o grande escriptor tem sido excepcionalmente descutido e fallado na morte.

Alem d'uma desgraçadissima questão da vida intima do glorioso escriptor, a que com profunda magua, temos assistido na imprensa, apezar de como já dissemos não termos tido a honra de viver na intimidade de Camillo, nem sequer de uma unica vez lhe termos fallado, um jornal do Porto fez uma coisa perfeitamente nova entre nós, começou a publicar uma biographia critica tendente a demolir a fama, a nomeada litteraria do illustre morto.

Chegou-nos por acaso ás mãos um dos numeros em que vinha um trecho d'esse artigo em que se citam varias criticas severas feitas em tempos a Camillo, criticas que não são novidade para ninguem pois que, como toda a gente sabe, Camillo Castello Branco foi dos escriptores do nosso tempo o mais violentamente discutido e aggredido, discussões e aggressões que lhe provocaram aquellas replicas extraordinarias de graça, de insolencia, de vigor, que ficaram na nossa litteratura como modelos preciosos de genero e que o collocaram acima de todos os polemistas portuguezes.

Entre essas tareias litterarias dirigidas a Camillo, citadas no artigo a que me refiro vem um dito de Alexandre Herculano que eu não conhecia e que é realmente de primeira ordem, dito que representa evidentemente uma *bontade* de humorista e não a opinião justa e convicta d'um homem de lettras como Herculano, acerca d'um litterato como era Camillo Castello Branco.

Esse dito é o seguinte:

«É tão ignorante que nem sabe escrever o seu nome: — escreve Camello com *i*»

* * *

E já que entrei no caminho de citações de jornaes, já que estou com as mãos na massa permittam-me a traducção dos trechos d'um artigo de Henri Rochfort ácerca da *indifferença publica*, um artigo que me consolou como portuguez, com a consolação triste e egoista que tem um doente quando encontra um collega da mesma doença e que está no mesmo estado ou peior do que elle.

Eu desespero fortemente quando vejo a proposito de tudo que se passa em nossa casa, certos extrangeirados que acham sempre uma maravilha tudo o que é da de fora, gritarem indignados que só entre nós se dão certas coisas.

Pois é bom que se saiba que não é tanto assim, que do mal de que nós nos queixamos ha mais gente que se queixe, que se cá ha más fadas, lá tambem não deixa de as haver.

O artigo de Rochfort começa por estas palavras:

«Ha dias notavamos com tristeza o estado de abatimento em que o povo francez parece ter cahido Depois de ter abandonado pouco a pouco os seus programmas d'honra nacional, de justiça e de probidade politica dir-se-hia que chegou a uma indifferença quasi absoluta por tudo o que o apaixonava ainda não ha um anno quando muito.

«Escrevemos isto e um exemplo frisante vem appoiar a nosso modo de ver, que infelizmente não tinha nada de temerario. É o caso Borras que nos fornece esse exemplo. Um jornal consideravel, que se dirige especialmente á classe mais livre da França, o que não o impede de ser lido por toda a gente, teve a idéa de reparar em parte o monstruoso erro judiciario, ou antes a tentativa de assassinio com permeditação de que esse honrado e infeliz rapaz foi victima. O nosso confrade abriu em favor d'elle uma subscripção, que segundo o parecer de toda a gente devia produzir um total consideravel. Quanto a nós, dissemos com um resto de ingenuidade de que não temos remedio senão córar:

«—Ora até que emfim esse pobre rapaz vae ficar para sempre ao abrigo da miseria e com a certeza de nunca mais cahir entre as mãos d'esses juizes infames, que ordinariamente não condemnam senão os pobres.

«Ha tres ou quatro annos, com effeito esta subscripção, aberta em reparação d'uma iniquidade que faz estremecer os mais scepticos, teria seguramente dado um total enorme, fornecido por todos aquelles a quem revolta a mentira, a calumnia e a cobarde perseguição dos poderosos contra os fracos e os desarmados.

«Pois bem! já lá vão muitos dias e mal se tem podido obter uns 7 ou 8 mil francos, e ainda assim esse dinheiro vem da algibeira da clientela opulenta do jornal parisiense. Sente-se que as massas já não tem coragem de abrir os cordões á bolsa, senão para tirar o dinheiro que um escamoteador hippico lhe rouba sem escrupulo.

«E entretanto a politica é completamente alheia ao caso Borras. Parece que todos os corações deviam pulsar por esse innocente, todos os bolsos despejarem-se no seu barrete e no avental de sua mulher.

«Mas nada d'isso: falla-se d'essa abominação como da morte d'um cavallo estripado nas corridas de touros, sem mesmo se pensar que o que aconteceu a Borras, acontecerá seguramente a outros dentro de pouco tempo. Em vez de dar dez francos para a subscripção, collocaram-os no *Fitz Roya* que era a 37 contra um, isto é 37 francos ganhos pelas pattas d'um cavallo.

É verdade que os dez francos em questão foram collocados em outros cavallos que perderam. Pois sim, mas podiam ter ganho, emquanto que dal-os a Borras, seria na realidade atiral-os pela janella fóra porque não corria no *Grand-Prix*.

* * *

Tudo o que ha mais fim do seculo.

No collegio.

— Dize lá, Henrique, tu és capaz de perdoar a um condiscipulo que te tenha batido?

Henrique depois de ter pensado um momento:

— Perdô-o... se elle fôr mais forte do que eu!

Gervasio Lobato

RIVA PALACIO

Assim como nos homens não é uniforme e simultaneo o desenvolvimento physico e moral, visto que uns o attingem em curto lapso de tempo, emquanto que a outros chega tardio e lento, da mesma fórma as nações caminham com passo desegual atravéz da historia, e umas, a pouco trecho, chegam ás eminencias da grandeza moral e material, emquanto que outras padecem de um rachitismo permanente, ou só chegam, ao cabo de dezenas de seculos, a hombrear com as suas irmãs mais novas.

As nações da America, sobretudo da America do Norte, confrontadas com as nações do velho mundo, exhibem o phenomeno admiravel do mais rapido crescimento e espansam pela robustez e força expansiva, que lhes é transmittida por uma natureza exhuberante e privilegiada, desde que a fortuna as colloca em contacto com os primeiros elementos de civilisação.

Basta citar o Mexico.

Ha pouco mais de tres seculos, João de Grijalva entrava no rio de Banderas e descortinava extensas regiões, até então desconhecidas para a Europa e que obedeciam a um poderoso e barbaro monarcha, Montezuma, a par de uma região que estava em lucta com aquelle soberano: era o imperio do Mexico e a republica patriarchal de Tlascála.

Pouco depois, Fernando Cortez, enviado de Cuba pelo governador Diogo de Velasques, derrotava o moço Xicotencal, o heroico defensor de Tlascala e abria passagem para o Mexico, cidade de 300:000 habitantes e capital do imperio do mesmo nome.

Preso Montezuma e martyrisado o seu successor, Cortez arvorou a bandeira de Carlos V n'aquellas paragens, que se chamaram Nova Hespanha, e que vegetaram tres seculos sob a dominação castelhana e sob a oppressão inquisitorial.

A America porém tem o instincto da liberdade; e o Mexico onde, antes da conquista, os proprios reis eram electivos, para que os destinos da nação não dependessem do acaso de um nascimento, sacudiu, ao cabo de tres seculos, a dominação hespanhola.

Idalgo e Morelos fundavam em 1810 a republica mexicana. Um aventureiro hespanhol, o general Iturbide tentou ainda, em 1822, governar o Mexico, como imperador; mas em 1823, o velho imperio dos aztecas estava definitivamente constituido n'uma republica, que é hoje uma das mais prosperas e respeitadas nações do mundo.

* * *

Em 1862, o *pequeno* Napoleão, que matára uma republica e formára o insensato plano de suffocar a democracia americana, mandava ao Mexico o infeliz Maximiliano e as suas tropas proclamavam ahi um imperador que, instrumento talvez inconsciente de uma politica nefasta, presenciou e reconheceu os heroicos sacrificios d'aquella corajosa nação em favor da liberdade, e cahiu desastradamente, sacrificado á temeridade estulta do imperador dos francezes.

N'essa epocha memoravel, n'essa lucta homerica, em que o Mexico, surprehendido pelos invasores, teve de bater-se quatro annos contra os inimigos da sua liberdade e contra os traidores que seguiam o estrangeiro, sobresaiu um general, que trocando a toga de magistrado pela farda militar, e recrutando á sua custa um batalhão esforçado, realçou o brilho d'aquella epopeia, ganhando a batalha da *Magdalena*, — a mais gloriosa d'essa guerra, para os patriotas mexicanos, — e collocando o seu nome entre os dos mais assignalados heroes da independencia.

Era Riva Palacio.

Vinte e quatro annos depois, o general Riva Palacio era ministro do Mexico em Portugal e Hespanha.

Esteve ha poucos dias em Lisboa; e o Occidente estampando o seu retrato, suggere-nos alguns traços biographicos.

* * *

Vicente Riva Palacio, filho de um abalisado jurisconsulto, deputado e senador, D. Mariano Palacio, nascera em 1832.

Em 1854, recebeu o grau de licenciado em direito; e pouco depois, era presidente do conselho municipal do Mexico, e deputado ás côrtes.

Durante a guerra da independencia, defendeu quanto pôde a pessoa do desgraçado imperador, que reconheceu nobremente a generosidade e o patriotismo de Riva Palacio.

Assegurada a independencia, e entrando triumphalmente na capital, Riva Palacio renunciou o commando das suas tropas, pelas quaes distribuiu sempre o seu soldo de general, e voltou modestamente á vida particular.

Em meio da sua modestia, não se esqueceu d'elle a patria agradecida.

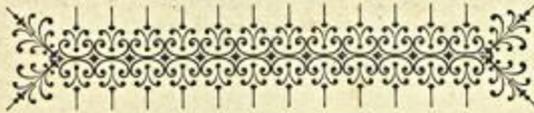
Candidato á presidencia da republica, presidente do supremo tribunal de justiça, ministro das obras publicas, jurisconsulto, poeta, romancista, historiador e critico, Riva Palacio é incontestavelmente a mais complexa individualidade do Mexico e da America.

Como ministro das obras publicas, Riva Palacio engrandeceu a sua nação com o mais amplo desenvolvimento da viação publica e de todos os melhoramentos materiaes; como escriptor, conseguiu, pelos seus largos e brilhantes trabalhos de historia e litteratura, chamar a attenção e o respeito de todas as nações modernas para a sympathica e florescente republica mexicana.

Além da sua obra monumental, *Mexico atravéz dos seculos*, é longa a lista dos seus romances, das suas poesias, dos seus dramas. Grande numero de corporações scientificas e litterarias, dos dois mundos, como a nossa Academia Real das Sciencias, contam-n'o entre os seus mais gloriosos socios.

Quando Riva Palacio veio ha pouco apresen-

tar as suas credenciaes ao rei de Portugal, muitos dos nossos homens notaveis na politica e nas letras tiveram ensejo de conhecer de perto e admirar aquella vasta e lucida intelligencia, e abonarão por certo as despretenciosas phrases que o respeito e a verdade nos inspiram.

Candido de Figueiredo

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE ALFREDO KEIL

Acaba de dar-se em Lisboa um acontecimento artistico que não podia passar desapercebido nas columnas do OCCIDENTE, que tanto tem pugnado pelo levantamento da arte nacional.

No dia 19 do mez findo houve uma festa artistica no *atelier* do sr. Alfredo Keil, na Avenida da Liberdade, com que o distincto pintor e maestro, á semelhança do que se faz em Paris e outras capitaes da Europa, inaugurou a sua exposição de quadros, em numero superior a duzentos.

Foi uma festa verdadeiramente artistica, em que o sr. Keil affirmou mais uma vez o seu fino gosto e extrema delicadeza, e para a qual fez varios convites, entrando n'esses convites a imprensa de Lisboa.

O sr. Keil preparou um concerto que foi executado pelos professores srs. Manoel Tavares de Oliveira, Filippe Duarte, Miguel Ferreira, Daniel José Gomes, José Pinto Brandão e José Lourenço Duarte, um sexteto delicioso, regido pelo sr. Manoel Augusto Gaspar, mestre da banda da guarda municipal.

O programma, composto de musicas do sr. Alfredo Keil, constou do seguinte: *Marche á l'antique* (1.ª audição); Paragem (n.º 2) *De volta ao castello* (n.º 4) da *suit d'orchestre Uma caçada na corte;* Bailado (n.º 2) do poema lyrico *As Orientaes* Musaico da opera *D. Branca; Souvenir de Vienne*, valsa; Preludio da cantata *Patria; Carnaval*, polka; *Les Ramiers*, (n.º 4) da cantata idyllio *Le Poeme du Primtemps* (1.ª audição); *Romances sans paroles* (A) *autrefois* (B) *chanson du nord* (C) *guitarre; A Portugueza* (marcha).

Keil realisava assim uma exposição das suas obras de pintura e de musica, mostrava a duplicidade do seu talento já admirado pelo publico, ora nas exposições de pintura, ora nas platéas dos theatros ouvindo as suas operas.

Foi assim que Keil inaugurou no seu atelier uma exposição de quadros a que modestamente chama estudos de paizagens e marinhas.

N'aquelle dia reuniu no seu atelier muitos amigos e admiradores, jornalistas, artistas, e a todos recebeu com os extremos de amabilidade que distinguem o primoroso artista.

A exposição de Keil surprehende em primeiro logar pela quantidade de quadros que apresenta, e em segundo logar pela correcção e belleza de essas duzentas e tantas telas, onde o artista não se permittiu a mais pequena liberdade que denote fadiga ou impaciencia e os proprios quadros que exhibe por acabar, podem ser vistos com agrado tal é a perfeição da factura.

Talvez isto não agrade aos realistas da arte e ainda menos aos impressionistas, se ainda os ha, mas apreciando os primeiros que reproduzem a natureza atravez do seu espirito positivo, não nos desagradam os que a reproduzem atravez do seu espirito poetico.

Os *Luziadas* ainda são hoje o eterno livro da poesia apesar da *Velhice do Padre Eterno.*

Os quadros de Raphael ainda não perderam a sua valia apezar dos quadros de Zamacois ou de Pradilla, e emquanto as epocas e as escolas se succedem no andar dos tempos, de cada uma vae ficando o que teve de bom, servindo de guia aos que estudam, conforme a tendencia do seu espirito, o sentir do seu coração.

Ora Keil é um artista de sentimento, e em cada motivo que a natureza lhe offerece, elle vê-o atravez da sua alma de poeta e d'ahi as suas deliciosas telas como *Despedida de Verão, Enche a Maré, Outomno da vida, De volta para casa* e tantos outros preciosos quadros que nos detem em demorado olhar.

Não temos n'estas rapidas linhas a pretenção de fazer a critica d'esta copiosa exposição, por ventura, a mais numerosa que temos visto d'um só artista; unicamente exprimimos aqui as impressões que nos deixou essa exposição quando a visitamos.

Essas impressões não podiam ser mais agradaveis, e ao contemplar-se aquella profusão de quadros revestindo artisticamente as paredes do elegante e confortavel *atelier* de Keil, esquecem-se as horas e sente se o quanto é bella a natureza que offerece tão encantadores motivos a quem com tanta arte os descobre.

Keil em tudo acha um quadro; tanto lhe serve a paizagem exhuberante, como a cidade alinhada de cazaria, o interior de uma sala adornada ou a simplicidade de uma barráca de lona, as velhas ruinas de um edificio quasi extincto, ou a edificação que se ergue soberba no aprumado de suas linhas, os rochedos abruptos contra que investem as indomaveis ondas do Oceano, ou a serenidade dos lagos em que se espelha a paizagem tranquilla, em tudo elle sabe achar a boa linha que lhe dá a composição, em tudo elle sabe dar o tom, o colorido, a perspectiva aerea, da hora, do logar, sem crueza, sem exaggero e antes com uma suavidade, uma harmonia, uma justeza que fazem das suas telas uns quadros deliciosos para a vista e para o coração.

Desejariamos poder reproduzir em nossas paginas todos os quadros que se vêem na exposição do sr. Alfredo Keil, porque todos são dignos da reproducção, não poderiamos, porém, realisar tal desejo, porque outros assumptos reclamam as paginas do OCCIDENTE, assim limitamo-n'os aos que apresentamos aos nossos leitores, e que foram colhidos ao acaso entre a profusa exposição. Agrupam-se na nossa pagina em volta de um *croquis* do *atelier* onde está installada a exposição, e que é o atelier de pintura mais luxuoso que conhecemos em Lisboa.

A exposição tem sido muito visitada e está patente ao publico até ao dia 19 do corrente.

EMBARQUE DE MARINHEIROS MILITARES NO ARSENAL DE MARINHA COM DESTINO Á AFRICA

De ha muito que no nosso arsenal de marinha, se não dava uma scena que despertasse tanto enthusiasmo, como a que se passou no dia 21 do mez findo.

Essa ecena em que o espirito patriotico reviveu jubilosamente, como que recordando as glorias d'este povo heroico que levou aos confins do mundo o seu nome e as suas armas, foi a do embarque de uma força de marinheiros militares, que partiu para Loanda a bordo do vapor Moçambique da Mala Real Portugueza.

Os acontecimentos do Bihé, determinaram o governo da metropole a enviar para Africa forças militares, afim de assegurarem ali o prestigio portuguez, fazendo respeitar o dominio de Portugal.

Aquelle punhado de homens que o povo victoriou enthusiasticamente, levam comsigo as sympathias e as benções da patria, nos perigos, quiçá, a que se vão expôr. Entretanto nos seus rostos, via-se a alegria que lhe ia n'alma ao verem-se acclamados pela multidão, e ao sentirem que a patria precisava do seu esforço.

Quando no quartel de marinheiros, o commandante deu a voz em formatura, de que desse um passo em frente quem quizesse ir para Africa em serviço extraordinario, todos avançaram por um movimento expontaneo. Foram sempre assim os soldados portuguezes; ainda o são hoje, mau grado dos que descreem das forças vivas d'este grande povo, que por ter nascido em acanhado torrão, nem por isso deixou de rasgar horisontes novos atravez dos mares desconhecidos para expandir a sua grande alma.

A força que embarcou para Loanda foi commandada até ao embarque pelo contra-almirante sr. Teixeira Pinho, capitão-tenente Vasco de Carvalho e primeiro tenente Annaya.

No arsenal assistiram ao embarque os srs. commandante geral da armada, chefe do estado maior, superintendente do arsenal e commandante do corpo de marinheiros.

A charanga acompanhou a força na sua marcha do quartel para o embarque, assim como mais de duzentos camaradas e grande multidão de povo que se agrupou no arsenal e nas margens do Tejo.

Ao passar pela fragata *D. Fernando* o vapor que conduzia os bravos marinheiros para bordo do *Moçambique*, a tripulação saudou calorosamente os seus camaradas.

Esta força de marinheiros vae commandada até Loanda pelo capitão-tenente sr. Valsassina, o qual depois segue para Moçambique a tomar conta do commando da *Tamega*.

Uma notavel coincidencia: perto da ponte do arsenal, onde se passou a scena que acabamos de descrever, estava um vapor inglez

ANTONIO DE VASCONCELLOS PORTO

Se, para fazer a biographia do Sr. Vasconcellos Porto, eu necessitava de largo espaço, para dar uma noticia que acompanhasse o seu retrato que hoje publica o OCCIDENTE poderia limitar-me a um simples lemma :

— Distincto sempre —

Estas duas palavras resumem não só a carreira brilhante do engenheiro cuja grande obra todos admiram em Lisboa ha um mez, como o seu espirito, o seu caracter o seu trato, emfim.

Dil'o a maneira explendida porque foram dirigidos e concluidos os trabalhos do grande tunnel de Lisboa; dizem-no os archivos do Lyceu e da escola Polytechnica, onde Vasconcellos Porto foi o primeiro estudante de todas as cadeiras ganhando sempre os primeiros premios, e concluindo o curso aos 23 annos ; repetem-no os professores da escola do Exercito onde, n'um difficil concurso, conquistou um anno depois a regencia da cadeira de topographia; confirmam-no os seus trabalhos na construcção do caminho de ferro do Mondego, de que é director, e que será um modello de linha ferrea construida pelos mais adiantados processos de engenheria moderna ; como o conclamam todas as obras executadas nas linhas novas da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, onde é chefe de construcção.

E se do engenheiro distincto, se do estudante intelligente, se do lente competentissimo, se passar, ao homem, ao amigo, ao director, havemos de escutar o unisono de vozes com que lhe manifestam a sua estima, os discipulos, que vêem no Sr. Vasconcellos Porto mais um amigo do que um mestre, os empregados que teem servido sob suas ordens que o olham, antes como um irmão do que como um director e finalmente quantos teem tido a occasião de travar relações com elle, que ficam, desde o primeiro momento, encantados com o seu fino trato, a sua amabilidade, a firmeza digna das suas opiniões e a bondade franca do seu caracter.

Como engenheiro adjunto do serviço de construcção da companhia real, superintendeu, como se disse já, nos trabalhos da perfuração d'esse grande tunnel que atravessa Lisboa, e tão correctos foram os seus estudos n'essa obra, que em 26 de maio de 1888, quando, para a communicação dos ultimos dois poços, faltava apenas remover a pequena parede que os separava, os trabalhadores de um e outro lado encontraram-se disputando a ultima pedra, e ao cair d'esta, as picaretas feriam fogo uma na outra.

Como homem de coração não me esquecerá uma nota que o define :

Quando ha poucos dias publiquei o numero da minha *Gazeta dos Caminhos de Ferro* commemorativo da inauguração da estação central e linha Urbana de Lisboa, Vasconcellos Porto notou-lhe um defeito :

— Estão ali, me dizia, representados pelos seus escriptos todos os engenheiros que dirigiram as differentes obras e as descrevem com a competencia de proprios auctores, dão se, sobre este emprehendimento todos os detalhes, desde a origem da primitiva idéa até os serviços futuros que a estação pode prestar, publicam se gravuras das fachadas e taçados das linhas, mas V. esqueceu-se de registrar o nome dos que cooperaram nos trabalhos, embora n'uma escala inferior; elles tambem deviam constar d'esse numero da sua *Gazeta* que constitue a historia completa da estação.

E citava-me entre outros o seu primeiro chefe de secção, recommendando-me que não me esquecesse d'elle quando escrevesse sobre este assumpto.

Fiz-lhe a vontade com todo o prazer no passado numero do OCCIDENTE; que essa minha annuencia me salve, ao menos, do desagrado com que a sua muita modestia verá aqui postos em relevo uns pequenos traços da sua vida.

L. de Mendonça e Costa.

ESTUDOS HISTORICOS

O GENERAL GOMES FREIRE

(CAMPANHAS EM PORTUGAL E FRANÇA)

III

O martyr

(Continuado do n.º 412)

Chegada a *Legião Luzitana* a França, Napoleão I emprega-a immediatamente nas campanhas do Norte.

E' por demais conhecida a parte brilhante que o nosso Gomes Freire tomou na guerra contra a Russia, em 1812. A tomada de Smolensko, a batalha de Moskowa da passagem do Beresina, tornaram Gomes Freire um dos heroes da celebre retirada da Russia, valendo mais, no conceito do imperador, do que o arrojado Murat ou o bravo Ney; porque estes combatiam sob a sua bandeira, defendiam as insignias da Patria, e Gomes Freire sustentava o brio militar, a reputação dos soldados portuguezes, sem que ao menos visse tremular-lhe sobre as cabeças a bandeira das quinas, o pendão portuguez, tão glorioso e tão ovante n'outras eras.

Era portanto, Gomes Freire, melhor militar e mais valente do que Ney ou Murat.

Assim o entendeu Napoleão; e ao chegar ao reino da Prussia promoveu Gomes Freire a marechal e entregou-lhe, em 1813, o governo militar da cidade de Dresden.

Em abril de 1814, Napoleão Bonaparte, era forçado pela Europa colligada a abdicar a corôa do imperio francez; e a 30 de maio seguinte reuniam-se em Paris os plenipotenciarios das diversas nações que haviam combatido Napoleão.

O governo portuguez, quer o da regencia em Lisboa, quer o do principe D. João no Rio de Janeiro, continuaram na affrontosa subserviencia de obedecer em tudo ao inglez.

E, assim, Portugal que se batera no campo contra as hostes napoleonicas, commandadas por Junot, Soult, Massena, Marmont, Sebastiani, Oudinot e Regnier, não tinha logar em Paris no congresso dos plenipotenciarios porque o inglez arrogara-se o direito de representar Portugal, Hespanha e Suecia!...

E' verdade que em compensação, como hoje, tinhamos dois representantes em Londres.

Pelo tratado de 1814 regressaram a Lisboa os restos da Legião Luzitana que alem da guerra na Russia haviam feito a campanha da Austria entrando na celebre batalha de Wagram. Ouçamos um notavel escriptor sobre o modo como, perto de Wagram, se portaram os portuguezes.

«...os austriacos defendiam-se briosamente. Duas baterias suas cobriam de metralha a encosta. Uma divisão franceza investe com impeto, dois batalhões portuguezes acompanham o attaque. Mas a chuva de metralha é horrivel. Apesar da intrepidez os regimentos francezes, hesitam recuam, e são os dois batalhões portuguezes os que primeiro entram no reducto, dando o exemplo aos seus companheiros d'armas, e merecendo os applausos de Oudinot e os publicos elogios do imperador.»

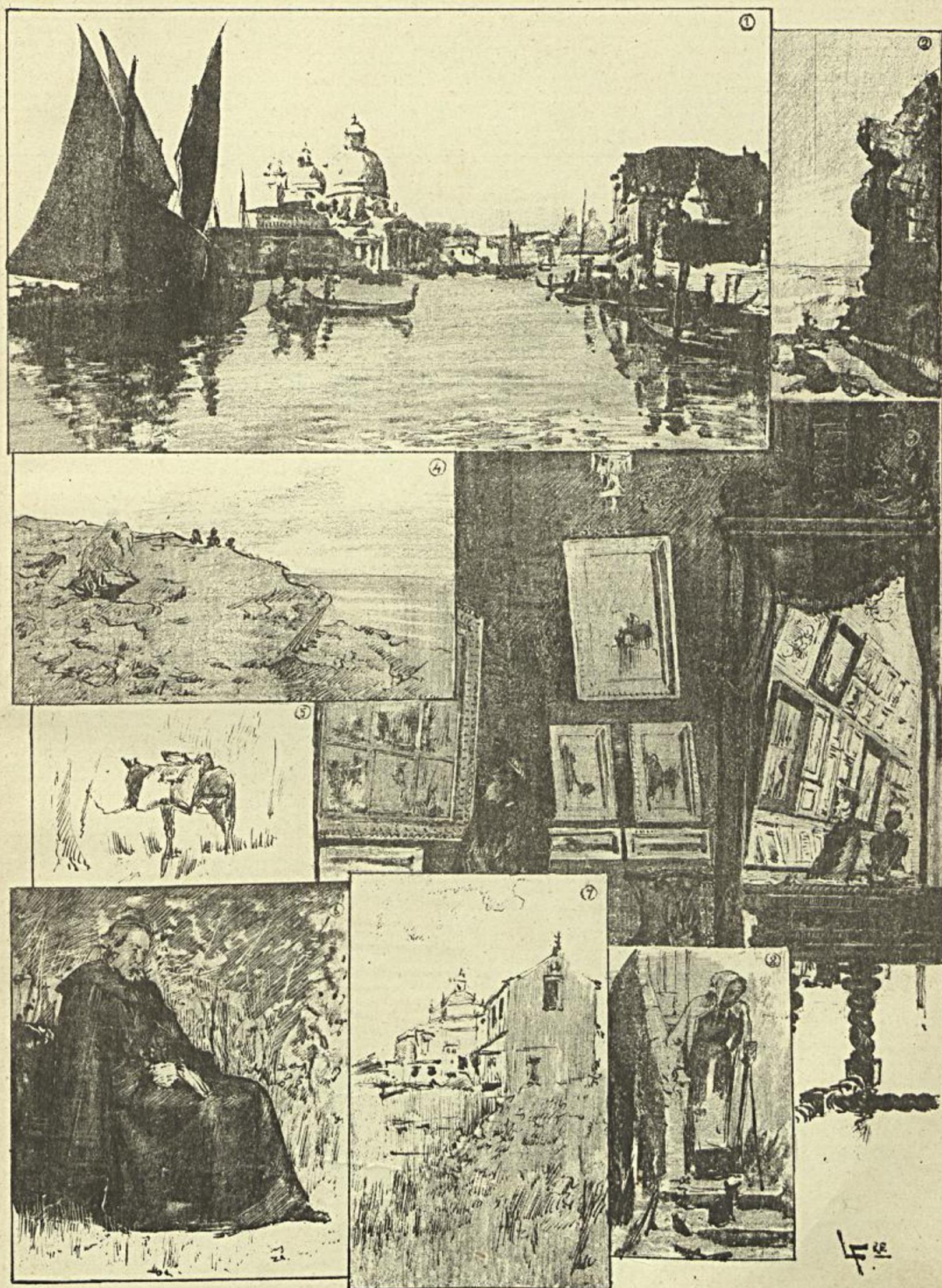
Estava tomada a posição de Baumersdorff pelos portuguezes. No dia seguinte feria-se a batalha Wagram, e os soldados da Legião luzitana portaram-se de tal guiza que Napoleão exclamou para os officiaes portuguezes que o rodeavam: — *Não ha melhores soldados na Europa!*

EMBARQUE DE MARINHEIROS MILITARES, NO ARSENAL DE MARINHA COM DESTINO A AFRICA — 21 de junho de 1890

(Desenho de L. Freire)

*
* *

Quando o general Gomes Freire d'Andrada regressou a Lisboa, o estado do espirito publico era, quanto possivel, adverso á alliança ingleza pela maneira villissima como esta nação com-

EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE ALFREDO KEIL

1 Em Veneza — 2 Pesca arriscada (Mindello) — 3 Atelier de Alfredo Keil — 4 Pastores da Peninha — 5 Á espera da dona
6 Meditando — 7 O convento de Larvão — 8 Bicho... Bicho...

(Desenho de L. Freire)

nosco se portára. O tratado de 1810 matára a nossa antonomia commercial e politica na Europa; a occupação ingleza da ilha da Madeira de um modo traiçoeiro exacerbara o sentimento nacional, já ferido pelo vergonhoso abandono da Inglaterra para com uma nação a quem devia a victoria sobre o imperio francez.

Wiliam Carr Beresford, general em chefe do exercito portuguez, por sua alteza real o principe regente D. João, era o verdadeiro inspirador da fradesca regencia, e arvorara-se em supremo dictador de todo o paiz.

Em 1810 e depois de uma viagem ao Rio de Janeiro, conseguiu Beresford que el-rei D. João VI, apesar das animosidades e surda revolta que o despotismo anti-patriotico do inglez estava causando no nosso exercito o elevasse á marechal-general dos exercitos reaes de sua magestade fidelissima, com poderes independentes dos da regencia de Portugal, o que ia, felizmente, acabar de vez com as hesitações em castigar e expulsar do continente o intruso e brutal inglez; e assim foi, porque esta nomeação, em logar de suavisar a irritação geral contra Beresford, ia agravar os confflictos havidos, tornando-os de uma caliginosa gravidade porisso que já se desprezava a revolta anciando-se por uma verdadeira revolução!

Estamos chegados ao anno de 1817, esse anno que tão nefasto foi para os liberaes portuguezes tanto os do continente europeu como os do novo reino da vasta America do Sul Na Europa, era Gomes Freire o fiador do movimento de que foi principal victima com mais onze companheiros. No Brazil foi Domingos José Martins o principal fauctor da revolta, chegando a proclamar a Republica em Pernambuco, e aqui as victimas eram em maior numero. Só enforcados foram quatorze, entrando nesse numero José de Barros Lima o mais sympatico dos revolucionarios: quatorze foram enforcados! mas as arbitrariedades praticadas pela alçada presidida pelo sanguinario desembargador Bernardo Pereira Coutinho foram inumeraveis.

*

* *

Era composta a regencia em Lisboa, no anno de 1817, de Antonio José de Miranda, do marquez de Olhão, do conde de Peniche, do marquez de Borba e de D. Miguel Pereira Forjaz.

A proposito das causas que determinaram Gomes Freire a tomar a iniciativa da revolta contra o despotismo estrangeiro, diz Gervinus, o consciencioso auctor da *Historia do Seculo XIX*: — «A altivez do exercito irritara-se havia muito tempo contra os inglezes, desde que Wellington deixara o paiz sem sequer se despedir, apesar de lhe dever em grande parte a sua gloria. Este azedume voltou-se contra todos os inglezes que havia no exercito, onde occupavam um terço de todos os quadros d'officiaes, ao passo que um grande numero de officiaes subalternos portuguezes tinham sido licenciados ou estavam a meio soldo. Recaiu, porem, principalmente sobre Beresford, porque a sua disciplina severa e violenta offendia os habitos do paiz, e porque parecia um insulto infamante aos portuguezes a medida que, em plena paz, conservava esse estrangeiro á frente do exercito... A todas estas causas d'irritação accresciam as maneiras altivas e brutaes de todos os outros compatriotas de Beresford, para inflamar, não só no exercito, porém em todas as classes da população, o odio aos inglezes. Effectivamente, qual era a classe que elles não tinham ferido e lesado?...»

Não era a disciplina severa e violenta do *marechal* o que fazia revoltar os animos briosos no nosso exercito, era, sim, o *inglez*, o estrangeiro mandando em portuguezes, como se estes fossem os soldados do Lobengula ou de outro qualquer potentado da cafreria!

De coronel para cima era raro que o official não fosse inglez! Depois, havia dois annos que terminara a guerra... Que estava aqui fazendo ainda o *inglez?!*...

Não nos haviamos batido cinco annos, por certo, contra o jugo estrangeiro, fazendo sacrificios de que ainda hoje padecemos, para servir a Inglaterra!?

O descontentamento affirmava-se geralmente e no exercito lavrava já uma conspiração para expulsar os inglezes do governo, desagravar a dignidade nacional affrontada pelo abandono do imperante, e para obter da monarchia concessões liberaes. E, como era natural, á frente d'este movimento, que já se accusava com certa agitação nos quarteis, ia pôr-se um homem energico, odiado dos inglezes por ser liberal, por ser generoso e por ter servido com Bonaparte que quizéra reduzir á fome os inglezes, no abençoado *bloqueio continental*.

Este homem não podia ser outro senão Gomes Freire de Andrade.

Effectivamente, em 2 de fevereiro de 1817, ouviram-se os primeiros vagidos da conspiração. O juiz ordinario do Sardoal entregava ao intendente da policia da côrte e reino o seguinte pasquim revolucionario:

ESPIRITO NACIONAL

Quem perde Portugal? — O Marechal.
Quem sancciona as leis? — O Rei.
Quem são os executores? — Os Governadores

Para o Marechal, hum punhal
Para o Rei, a Lei
Para os Governadores, os Executores

Foi descoberta a conspiração pela leviandade que teve um desgraçado Antonio Cabral Calheiros Furtado e Lemos, n'uma tarde, em abril de 1817, desatando em pleno café Marrare, a contar tudo quanto sabia, a pretexto de chamar a si os officiaes Pedro de Moraes Sarmento, capitão-ajudante de campo do general Vahia governador de Traz-os-Montes, o tenente de policia Antonio de Padua e o bacharel Gameiro.

(Continua) *Manoel Barradas*

A ESTRELLA DE BELEM

(Concluido do n.º antecedente)

O proprio Tycho-Brahe escreveu um largo Tractado ácerca do astro de 1572 *(Progymnas mata ou de Nova Stella, anni 1572)*, e n'esse Tractado, que a uma estrella só consagra nada menos de 478 paginas, fala de Cypriano Leowitz (Leovitius), no dizer do qual já em 1264 se tinha visto uma estrella brilhante no mesmo ponto do céo «circa Sydus Cassiopeae. «Ora segundo Linn, que se entregou com amor ao estudo d'este assumpto, o Tractado de Leowitz, sem duvida de caracter puramente astrologico, deve ter sido publicado em 1573 côm o titulo *Judicium de nova stella*. Tycho estava ao corrente de tudo quevo celebre astrologo escrevia; dá uma citação completa de Leowitz, o qual, depois de falar de uma estrella que fôra assombro de toda a gente no reinado do imperador Othon I, em 945, e das calamidades que houve n'essa epocha, accrescenta: «Verum, multo locupletius testimonium in histoiis extat de Anno Domini 1264, quo Stella magna et lucida in parte Cœli septentrionali circa Sydus Cassiopeae apparuit, carens similiter crinibus, ac destituta motu suo proprio.»

Ora, em 945 e 1274 appareceram cometas extraordinarios que causaram grande espanto, e o de 1274 foi na verdade esplendido. Houve quem o comparasse com o de 1566, celebre pela abdicação de Carlos V, e que se esperava tambem reapparecesse em 1848.

As palavras porém «carens crinibus ac destituta motu proprio» significam que a apparição de 1264 não tinha cabelleira nem movimento proprio, o que destroe completamente a idéa de que fosse um cometa. Appareceriam no mesmo anno um cometa e uma estrella nova? Se tal succedeu, nada tem de extraordinario.

O certo é que as duas apparições de estrellas em 945 e 1274 sómente são indicadas pelo astrologo bohemio de que acabamos de falar. Nenhum historiador as menciona, e os annaes chinezes, que com tanto cuidado registam os phenomenos celestes, tambem nada dizem a tal respeito. São portanto muito duvidosas.

Não obstante, foi unicamente n'essas apparições de 945 e 1274 que se fundou a idéa de uma periodicidade de brilho na estrella de 1572. Effectivamente, se n'esse ponto do céo se houvesse observado por tres vezes uma conflagração estellar, poder-se-hia attribuir o phenomeno a um sol de brilho variavel e periodico, como ha centenas de exemplos. Da primeira á segunda epocha vão 319 annos e da segunda á terceira 308. A differença entre estes dois intervallos não excede os desvios analogos manifestados por certas estrellas variaveis. Por conseguinte, haveria motivo para esperar uma nova recrudescencia de brilho de 308 a 319 annos depois de 1572, isto é, de 1880 a 1891, mais ou menos. Mas semelhante reapparição é duplamente problematica, visto como por um lado não é certo que a estrella de 1572 jámais brilhasse antes d'essa epocha, e por outro, quando tal houvesse succedido, nada provaria que ella devesse tornar a passar por phases analogas.

Comparal-a com a estrella de Belem, como o fizeram Jeronymo Cardano e Theodoro Bèze no seculo XVI, parece-nos cousa ainda mais imaginaria. E' verdade que remontando-nos ao passado de tres em tres seculos, chegamos ás epochas 630, 315 e 0. Mas, como acabamos de ver, a periodicidade de tres seculos (mais ou menos) não tem base seria.

*

* *

Cinco hypotheses se podem fazer ácerca da estrella de Belem:

1.º Nunca existiu talvez, e por consequencia não passará de uma linda imagem oriental;

2.º Essa estrella de Leste, que pairava deante dos magos, acima do horizonte, podia ser Venus n'uma epocha de brilho maximo;

3.º Podia ser uma estrella temporaria, como a de 1572;

4.º A apparição poderia ter sido causada por uma conjuncção de planetas;

5.º Podia ser um cometa.

D'estas cinco hypotheses, a melhor é a do planeta Venus no seu brilho maximo.

Estrella temporaria, não é provavel que o fosse, aliás Ptolomeu e Ma-Tuan-lin teriam dicto algo. Cousa extraordinaria: alguns astronomos lembraram se de comparar a estrella de Belem com a que Hipparcho observou no Escorpião no anno 134 da nossa era, e que lhe inspirou a idéa de fazer o seu catalogo, e lemos com espanto em dois artigos de uma revista astronomica, aliás excellente, mas que não queremos nomear, esta phrase singularissima: «The star of Coma Berenices is spoken of as appearing immediately preceding the birth of Christ; Hipparchus and Ptolemy speak of this star.» Ora Hipparco viveu no segundo seculo antes da nossa era e redigiu o seu Catalogo de estrellas no anno 130 A. C. Deixára de existir havia muito tempo quando a estrella do anno o ou do anno 1 appareceu, como dizem. A estrella de Hipparcho, que é a mais antiga das estrellas temporarias de que se determinou a posição, appareceu no anno 134 da nossa era, não na cabelleira de Berenice, mas no Escorpião, e os annaes astronomicos não accusam nenhuma no anno o.

A quarta hypothese foi tractada por Ideler, linguista e astronomo allemão, em 1826, e depois pelo astronomo Encke em 1831. Houve com effeito uma conjuncção, e até uma triplice conjuncção dos tres planetas Jupiter, Marte e Saturno, no terceiro anno antes da origem admittida para a nossa era, 29 de maio, 3 de setembro e 5 de dezembro; mas em nenhuma d'essas datas a approximação entre dois planetas desceu de um grau; de sorte que só se os magos fossem perfeitamente myopes poderiam ver uma estrella em logar de dois ou tres planetas em conjuncção.

A hypothese de um cometa tambem não é admissivel, porque então sabia-se tam bem como agora distinguir um cometa de uma estrella; alem d'isso não consta que apparecesse algum cometa n'aquella data.

Nenhum motivo portanto ha para se esperar nos fins do seculo actual a visita da estrella mysteriosa de Belem. Depois é já absolutamente impossivel admittir que a conflagração de qualquer astro nas profundezas da immensidade possa ter a menor influencia na historia dos povos do nosso minusculo globo; se alguma nova estrella apparecesse no céo, seria o 26.º caso da mesma ordem nos tempos historicos, e semelhante apparição só poderia interessar a sciencia astronomica: reconhecer-se-hia, como succedeu em 1866 com a estrella da Coroa boreal, em 1876 com a do Cysne, e em 1885 com a da nebulosa de Andromeda, que é um incendio longinquo, alimentado especialmente por uma grande quantidade de hydrogenio, e que lavra a uma distancia tal que só muitos annos depois de extincto o poderemos ver! Emfim, se a estrella de 1572, velho sol um instante rejuvenescido, não morreu ainda, os que tiverem instrumentos á disposição não farão mal em o procurar no sitio que indicámos: transportar-se hão assim aum tempo ao infinito e á historia eterna das cousas e dos seres.

C. Flammarion.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXI

— Olhem, pois se não foi de proposito parecia-o muito bem, disse a sr.ª Leitão já um nadinha abalada.

— Sim, d'accordo, agora vejo que realmente parecia, confessou o Dominguinhos.

— Mas para prova de que não era de proposito

e de que nem em tal coisa pensavamos, disse a Ignacinha, proponho uma coisa.

— O que é?

— Mudar outra vez a consulta.

— Mudar como?

— Se não sahir ninguem da escada até nós entrarmos, começou a propôr a Ignacinha.

— Que é o certo, atalhou a mãe.

— Exactamente que é o certo, elle não vae soltar o Quim: se sahir, vae.

— Mas isso é contra ti?

— Deixal-o ser.

— É evidente que não sae ninguem.

— Deixal o não sahir.

Nada, isso não posso consentir, declarou a sr.ª Leitão, impressionada vivamente pela bizarria, pela abnegação da sua filha.

— Mamã, consinta, insistiu a Ignacinha.

— Não senhor, não consinto, o que não quero para mim, não quero para ti tambem.

— Não faz mal, eu já não me importo com isso, declarou a Ignacinha, tanto me faz que elle solte o Quim como que o não solte.

— A mim é me tambem indifferente, affiançou a sr.ª Leitão.

— Eu se pensei n'isso, explicou o Dominguinhos, se pensei em ir soltal-o era apenas por cavalheirismo, porque sabem perfeitamente que eu gosto tanto ou tão pouco d'elle, que lhe propuz um duello de morte, que elle recusou cobardemente, e que lhe dei ainda ha pouco uma tareia de que elle não menos cobardemente fugio.

— Bem, pois então façamos uma coisa, lembrou a sr.ª Leitão.

— O que é?

— Vamos dar uma volta aqui perto.

— Uma volta?

— Sim.

— Mas onde?

— Olhem, por exemplo, subimos aqui á praça da Alegria de cima, descemos a travessa das Vaccas, voltamos ao Salitre e vimos para casa, e sem mais nem mais, sem estarmos á espera de coisa nenhuma, nem com mais indecisões e discussões entramos.

— Sim senhora, concordaram os outros dois interessados.

— E não temos nada com quem sae ou com quem entra, antes de nós estarmos á porta.

— Como?

— Sim, se alguem sahir antes de nós transpormos a porta, é-nos inteiramente indifferente; depois de entrarmos no portal, se vier alguem a descer a escada, o sr. Dominguinhos vae soltar o Quim, se não vier ninguem o sr. Dominguinhos não vae. Serve-lhes isto?

— Perfeitamente, respondeu o Dominguinhos, por mim estou d'accordo.

— E eu tambem, respondeu a Ignacinha.

— Então acceitam?

— Acceitamos, responderam ambos ao mesmo tempo.

— Bem, então vamos dar a volta O seu braço sr. Dominguinhos, disse a sr.ª Leitão.

— Prompto, minha senhora, respondeu logo o Dominguinhos, arqueando o braço.

— O seu braço, Dominguinhos! disse tambem a Ignacinha.

— Prompto, minha senhora, tornou o Dominguinhos, offerecendo o outro braço.

E assim, em galheteiro, tendo d'um lado a sr.ª Leitão e do outro a filha, a menina Ignacinha, a escolhida do seu coração, o Dominguinhos subiu a rampa ingreme que ia para a Praça da Alegria de Cima, desceu a ladeira enorme da travessa das Vaccas, voltou ao Salitre, passou em frente do theatro das Variedades e do circo de D José Serrate, e achou-se de novo na Praça da Alegria.

(Continúa)

Gervasio Lobato.

NOVIDADES DA SCIENCIA

Como se limpam as peças d'um relogio de nikel. — Eis um processo que faz desapparecer, sem alterar o polido, o verdete que se forma nos cylindros das peças de relojoaria.

Mergulham-se estas, durante dez a quinze segundos, em alcool rectificado, tendo-lhe addicionado uma parte de acido sulfurico (oleo de vetriolo) por 50 partes de alcool.

Lavam-se em acto seguido perfeitamente em agua bem clara; depois deitam-se em alcool puro deixando-as ali cinco minutos.

Limpam-se por fim a um panno bem fino e deixam-se seccar em serradura.

Nova maneira de carimbar as cartas. — Até hoje para fechar grandes correspondencias serviamo-nos de lacre.

Eis um meio muito pratico, e egualmente muito commodo:

Colloca-se sobre as duas extremidades que se pretendem fechar uma obreia vermelha molhada, do mesmo tamanho do carimbo que se emprega. Cobre-se essa obreia com um bocado de papel muito fino (uma mortalha de cigarro, por exemplo) papel que tenha dimensões um tanto maiores da dita obreia, e applica-se-lhe fortemente o sinete.

Por este processo obtem-se um timbre tão nitido como o de lacre e quando o todo acaba de seccar, a carta, ou masso de papeis, ficará perfeitamente fechado.

Para mais solidez será prudente collar os dois bordos do papel, pelo lado interno com outra obreia mais pequena que a do lado externo.

A influencia da temperatura na luz do gaz. — É uma questão que poucas vezes se tem tratado na sciencia.

Tem-se observado que os bicos de gaz parecem alumiar muito menos quando o ar está saturado de humidade, e ás vezes attribue-se essa circumstancia ao mau fabrico do gaz illuminante.

Experiencias muito serias acabam de fazer-se, umas com alguns bicos de gaz ardendo em uma atmosphera secca, e outras com egual numero de bicos de gaz accesos n'um ambiante carregado de humidade.

Essas experiencias demonstraram nitidamente o enfraquecimento do poder illuminante no segundo dos referidos casos.

Um candieiro de chama de leque conserva toda a sua intensidade luminosa do ar secco, mas perde-a até 11 p. c. no ar saturado de humidade, sobretudo quando essa saturação é acompanhada de uma certa elevação de temperatura.

Vidraças (novo processo de fabrico). — Assignala-se nos dominios da fabricação de vidros para vidraça uma innovação que parece virá revolucionar completamente este ramo de industria.

Até aqui só se podiam obter vidros para vidraça depois de diversos processos, taes como a assopragem, o córte, a laminagem, o polido, etc.

M. Simon, proprietario d'uma importante fabrica de vidros em Londres, conseguiu produzir chapas de vidro de grandes dimensões por meio de cylindros especiaes, assim como se usam para o fabrico das folhas de Flandres.

No ponto de vista de homogeneidade, de solidez e de transparencia a vidraça obtida por este novo processo é muito superior á vidraça ordinaria, possuindo alem d'isso um brilho particular que em nada cede ao dos espelhos polidos.

O lado essencial da invenção de M. Simon consiste no emprego de cylindros metalicos especiaes e ôccos, aquecidos interiormente por meio de vapor ou de gaz.

Esses cylindros são notaveis porque tomam directamente a massa vitrea do fundo, sem ajuda de nenhum apparelho intermediario do cadinho.

Afim de evitar a adherencia da massa pastosa do vidro aos cylindros são estes revestidos de uma camada de pó de carvão tenuissimo deluido em azeite e cera.

Este novo methodo, que permitte fabricar laminas de vidro das dimensões que se pretendam, póde em breve tempo tornar-se de geral applicação, tanto mais que elle reduz consideravelmente os avultados preços dos vidros grandes, além de não causar damno algum á saude do fabricante, como de contrario acontece aos sopradores de vidro.

Ferros de Frisar. — A maior parte dos cabelleireiros e barbeiros servem-se hoje de uns ferros compostos de duas hastes uma cylindrica e outra curva inteiramente. Um electrista imaginou substituir esse utensilio por um pequeno motor electrico ao qual se imprime um movimento motriz fazendo funccionar uma pequena haste de metal por intermedio d'um excentrico que communica á lamina cortante um movimento de vae-vem.

No braço do utensilio estão localisados os orgãos do motor. O inducto está situado no meio do seu cumprimento e o electhro iman inductor occupa as extremidades. O eixo do inducto atravessa os inductores. A disposição geral do motor é similhante na forma ao dynamo Manchester.

A pressão do dedo sobre o botão introduz os inductores no circuito e põe o motor em actividade. Retirando a ponta do dedo o utensilio volta ao seu estado de quietação.

Conservação da madeira pelo acido carbonico — Ha muito tempo que se busca presevrar os objectos de madeira da influencia destruidora da atmosphera bem como do solo e da acção nociva dos organismos microscopicos. Parece agora que o problema se acha resolvido.

Para proteger a madeira tem-se empregado soluções salinas concentradas, derramadas bastantes vezes por sobre a madeira que se pretende conservar. Comtudo o sulfato de ferro, o sulfato de cobre, o chloreto de zinco, como qualquer outro sal metalico, apresentam ao lado de certas vantagens muitos inconvenientes. Se o sublimado corrosivo tem dado bons resultados, essa applicação tem contra si elevadas despezas.

Em geral o defeito das soluções salinas consiste em que a agua qur se introduz nas madeiras pouco a pouco as extinguem acabando por ficarem completamente desportegidas.

M. M. *Hoerner et C.ª* inventaram um novo producto chimico a que dão o nome de *Carbolineo* que é fornecido pelo acido phenico (acido carbolico) cujo emprego hade adquirir maior importancia de anno para anno.

O *Carbolineo* é um liquido esverdeado-escuro e de cheiro caracteristico. Seu peso especifico a 15° *C* é de 1,035, sua viscosidade, á mesma temperatura, é de 10, 5, sendo portanto a sua consistencia superior á do verniz de oleo de linhaça fervido. Penetra facilmente e rapidamente em todos os tecidos. Applicado á madeira secca desde logo forma uma camada protectora resistente á acção da terra, da agua e da atmosphera.

Os objectos aos quaes se applica ficam com uma bonita côr escura. Convém todavia quando se servirem do *carbolineo* usar se de pinceis apertados com guita bem forte, porque elle dissolve as materias resinosas. Emprega-se de preferencia quente e basta duas camadas para que toda a madeira fique bem secca.

Nos navios está-se usando com grande aproveitamento.

Branqueamento electrolytico. — A *Gazeta do Electrista*, de S. Petersburgo, descreve um systema moderno de branqueamento devido a M. Stepanoff, systema que vem vantajosamente substituir nas artes o de M. Hermite.

Em logar de se empregar o chloreto de magnesio, muito raro na Russia; toma-se o sal marinho que é muito commum e de baixo preço. Uma bomba hydraulica impelle uma dissolução d'este sal em apparelhos particulares aonde se produz a electrolyse pela acção d'uma corrente gerada por um dynamo posto em movimento por uma machina a vapor, uma turbine ou qualquer outro motor. Feita a decomposição a mesma bomba impelle a dissolução de chloro para os reservatorios aonde se effectua o branqueamento.

O apparelho electrolitico representa uma caixa dividida em dez compartimentos, que se communicam entre si, e nos quaes são collocados os electrodes em platina e em chumbo. A dissolução salina chega ao mesmo tempo aos dez compartimentos. O modelo de M. Stepanoff exige uma corrente electrica. Suas dimensões estão calculadas de maneira a tornecerem durante uma hora 300 litros de solução chlorada, isto é, 72 hectolitros durante vinte e quatro horas, quantidade equivalente a a 37,5 kilog. de chloreto de cal.

O apparelho não exige cuidado algum particular. O operario deve esgotal-o e enchel-o de vez em quando.

Se bem que a dissolução possa conter até 1,6 p. c. de chloro, na razão das condições economicas, o inventor não vae alem de 0,7 p. c No systema de Hermite nunca se obtem a dissolução alem de 0,3 p. c.

Um outro melhoramento n'este processo consiste no emprego do chumbo em logar do zinco que se usa e se cobre de impurezas, necessitando uma limpeza especial. Alem d'isso a quantidade de gelatina é aqui tres vezes menor.

S. P.

REVISTA POLITICA

E' bem certo que não ha fome que não dê em fartura, apezar de haver quem morra de fome, mas as excepções não fazem regra e senão vejam o que está acontecendo no parlamento.

Depois de um mez e tanto de discursos a respeito do *bill*, que acabou por ser approvado como já se previa antes de ser discutido; depois de um mez consagrado ao amor da arte, á campanha que era preciso dar-se, para não fugir ás tradições do parlamento, que emfim quer mostrar que se os

negocios publicos não marcham melhor, não é por falta de elle os querer pôr em bom caminho, entrasse n'uma actividade legislativa muito parecida com a d'aquelles que tendo dormido ou perdido as melhores horas do dia em frivolo passatempo, lhe chega pela noite o prurido do trabalho mal dirigido e peior executado.

Quando já se trata de prorogar as côrtes, quando já se entra nas sessões nocturnas, quando emfim já se preparam as malas para a retirada, é que o parlamento desenvolve actividade e vota para ali leis com uma confiança e presteza que está em completa contradição com a opposição que até ali fez ao governo.

A dotação da familia real, o orçamento rectificado, a lei de meios, e o novo ministerio de instrucção publica, tudo isto se votou no breve espaço de dez dias, quasi sem discussão e apenas a ultima d'estas leis levantou maiores debates, por não se justificar a sua urgencia, dadas as circumstancias em que se vae criar o novo ministerio.

Effectivamente não se percebe lá muito bem a criação d'este novo ministerio, quando o proprio ministro que o hade gerir, confessa francamente ao parlamento que não sabe o que hade fazer, que precisa estudar o assumpto para depois elaborar o seu plano, e para esta experiencia pedem-se trinta e tantos contos ao paiz, porque apezar de não se saber ainda ao certo o que ha a fazer, já se sabe, entretanto quantos, directores geraes, quantos chefes, quantos primeiros e quantos segundos officiaes, quantos amanuenses e quantos continos e serventes devem ter as novas secretarias para se fazer o expediente que ainda se não se sabe a latitude que terá.

Ora isto deixa-nos na triste duvida sobre se o novo ministerio é effectivamente para cuidar da pobre instrucção publica e das bellas-artes com mais attenção e carinho do que até aqui teem tido, ou se é simplesmente para criar mais uma repartição com os respectivos empregados.

Se se vae cuidar a serio d'essa desgraçada classe de professores de instrucção primaria, que ganha menos ordenado do que nós pagamos ao criado que nos serve. Se se vae pôr cobro a esse commercio repugnante que se está fazendo com os livros de estudo, com esse despotismo que desorienta o estudante e que explora o pae de familia. Se se vae desenvolver e tornar mais accissivel ao pobre o estudo das sciencias exactas, de modo que se produzam mais operarios uteis e menos doutores inuteis.

Não sabemos se o novo ministerio virá emfim cuidar especialmente d'estes males e muitos outros, ou se apenas virá onorar o contribuinte com mais trinta e tantos contos e presentear mais uns tantos funccionarios com a mercê de um logarzinho á meza do orçamento.

O futuro se encarregará de confirmar ou banir estas suspeitas, que aliaz se fundam no que tristemente estamos vendo nos varios serviços publicos.

Estamos vendo censurar o governo passado pelas enormes despezas que augmentou nos serviços publicos, alguns em que a receita não compensa a despeza que fazem, seria portanto, da mais flagrante incoherencia cair nos mesmos erros quem tanto os condemna; mas n'este grande arraial de vidro, quem poderá atirar pedradas á tenda do seu visinho sem receio que lhe quebrem a sua tambem?

Depois do parlamento ter votado as leis que mencionamos, annuncia se a discussão dos 6% addicionaes, a qual não sabemos se será pequena ou grande, visto o parlamento estar com mais vontade de fechar a porta do que discutir e estudar se os 6% podem ser applicados com equidade sem atrophiar o colletado.

O conselho de estado prorogou as contas até ao dia 15 do corrente, mas os assumptos que ha a discutir não nos parece que caibam n'este lapso de tempo, o que faz prever nova prorogação, não sabendo mesmo se assim convirá até que se concluam as negociações com a Inglaterra, e que no parlamento portuguez se possa saber como essas negociações se concluiram.

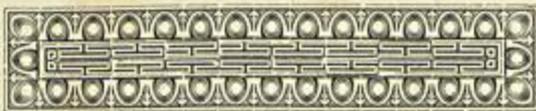
Parece que a coisa já esteve mais longe do que está do desfeicho, e se mais cedo se não tem concluido, é porque as exigencias são custosas de acceitar, o que a final não deve admirar ninguem.

Traz-se para exemplo consolador que a Allemanha tambem cedeu na questão que entre ella e a Inglaterra se levantou sobre os seus dominios em Africa.

Mas a Allemanha cedeu, recebendo em troca Helgolana, e nós o que recebemos?

João Verdades

ANTONIO DE VASCONCELLOS PORTO

ENGENHEIRO QUE DIRIGIO OS TRABALHOS DO GRANDE TUNNEL DO ROCIO

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Voe Vctoribus, *Anathema á Inglaterra*, por M. Duarte d'Almeida. Livraria Civilisação de Costa Santos, Sobrinho e Diniz, editora. Porto. É uma obra de poeta e um protesto contra a Inglaterra, em que se frisa bem a deslealdade d'aquella nação.

Homenagem a Camões. — por José Ramos Coelho. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1890. in-folio de 40 pag.as em papel de linho, exemplar n.º 189 com que fomos brindados pelo seu auctor.

Não precisa dos nossos encomios o sr. Ramos Coelho illustre academico, poeta consagrado pelas suas obras, onde sustenta a boa poesia portugueza, correta e pura aliada á inspiração elevada do que é grande e bello, não. As poesias comprehendidas n'este in folio são todas conhecidas dos que lêem, e o sr. Ramos Coelho publicando-as agora, só teve em vista reunil-as e com ellas prestar mais uma vez a sua homenagem ao grande poeta, celebrando-lhe o 310.º anniversario do seu fallecimento. Reuniu n'este in-folio *Camões e a Patria* publicada nos *Preludios Poeticos*; *A Camões e A' Inauguração do Monumento a Camões*, publicadas em jornaes; e *Soneto de Torquato Tasso*, versão livre feita pelo sr. Ramos Coelho para a edição das obras de Camões, a pedido do fallecido visconde de Juromenha, e tambem publicado nas *Novas poesias* do mesmo auctor.

Egypto, por Jorge Ebers, traducção portugueza de Oliveira Martins, Companhia Nacional Editora, Lisboa. Esta obra monumental, que se acha traduzida em quasi todas as linguas cultas, está sendo publicada em portuguez, em formosa edição in-folio illustrada com gravuras e aguarellas, representando os monumentos d'aquelle velho peiz, as paisagens e os costumes.

Adquirir este livro é uma excellente acquisição, tanto pela curiosidade de conhecer a civilisação brilhante mas extincta de aquelle paiz, como pela belleza da edição, que é primorosa.

Revista Archeologica, *Estudos e notas publicados sob a direcção de* A. C. Borges de Figueiredo etc. Lisboa. n.os 3, 4 e 5 d'esta excellente revista.

O Academico, *Hymno de Guerra* poesia de Ludovicus e musica de Cinira Plonio. E' mais um brado patriotico contra a afronta da Inglaterra, que a poesia e a musica vem popularisar revertendo a venda em beneficio da Grande Subscripção Nacional. Cada exemplar custa 500 reis.

O Bezerro de Oiro, *drama original em 5 actos com um prefacio em que se descreve o procedimento que teve para com o auctor, a empreza do theatro normal de D. Maria II, representada nos actores João Roza Eduardo Brazão e Augusto Roza*, por Guilherme Augusto Santa Rita. Lisboa. O auctor publica este seu drama antecedendo-o do titulo *Documentos para a historia do theatro portuguez*, o que indica a questão que se ventilou sobre a representação d'esta producção dramatica e que o sr. Santa Rita historia largamente no prefacio que occupa 43 paginas de oitavo.

É difficil apreciar uma obra destinada á scena sem a vêr representar e é isso mesmo que nos inhibe de manifestarmos a nossa opinião sobre o drama o *Bezerro de Oiro*. Como obra litteraria agradou-nos a sua leitura, como obra scenica não calculamos o effeito que ella produziria em publico.

Rudimentos de Chimica Experimental, *com as mais importantes applicações á industria e em harmonia com o programma da instrucção primaria complementar* por João Clemente de Carvalho Saavedra, professor official d'ensino complementar. Porto. Typographia da Empreza Litteraria e Typographica. Um excellente livro de ensino pratico perfeitamente accissivel ás intelligeacias menos desenvolvidas, pela clareza e simplicidade da exposição. E' de incontestavel vantagem a publicação de livros como este que facilitam o estudo, dando sufficientes noções aos que não podem seguir grandes cursos e preparando para elles os que se dedicam a estudos superiores.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.a
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43